

# Revolução

## ANÁLISE POLITICA DA SITUAÇÃO

Acabámos de viver uma crise que culminou com o afastamento de três elementos da Junta: Galvão de Melo, Diogo Neto e Silvério Marques e a demissão de António Spínola, presidente da República.

Os sucessivos actos dos fascistas nos últimos dias, tendiam não só a uma reinstalação do fascismo, como a servirem de balão de ensaio para futuras tentativas. A actuação do fascismo, com grandes mais de propaganda e agitação, deu-se a coberto duma complacência e duma cumplicidade ao nível do poder, que só pode ser explicada pela presença de fascistas nas altas esferas.

A demissão de algumas destas personalidades e a prisão de outros, veio provar que afinal os revolucionários tinham razão quando diziam, desde o 25 de Abril, que o poder estava grandemente contaminado pela direita e que as medidas de saneamento eram mais que insuficientes. Tais afirmações valeram à esquerda revolucionária ser insultada e caluniada. E é preciso que o perigo do monstro fascista esteja à porta, para que estas verdades sejam aceites e algumas medidas tomadas.

A viragem política que se deu na madrugada de 28 de Setembro constituiu uma derrota para o fascismo e para a direita governamental, que se viu obrigada a ceder.

depois já de Otelo de Saraiva e Vasco Gonçalves terem estado retidos forçadamente em Belém e do primeiro ter ido acompanhado ao Copcon, firme e obrigatoriamente. Estes actos, assim como as ocupações das rádios, pareciam mostrar um princípio da madrugada que um golpe de direita triunfava.

Mas a direita careceu duma sólida base de apoio no exército (apesar da posição de parte da cavalaria, entre a qual, ao que parece, Lanceiros 2) e duma sólida base de força política.

Além disso outro acontecimento foi determinantemente para a viragem da madrugada de 28: a série de prisões efectuadas pelo MFA. Estas permitiram que um largo número de capitalistas-fascistas ficasse impossibilitado de manejar e conspirar. Estas prisões, há muito devidas aos trabalhadores e revolucionários portugueses, foram um acto de justiça. Entre esses nomes contam-se criminosos que não hesitaram em levar até ao fim a máquina de repressão, para continuar a manter «em boa ordem» a exploração dos trabalhadores, à custa de quem vivem. Mas não nos iludamos: se se prenderem umas dezenas, há talvez centenas que ainda estão cá fora e é necessário continuar a exigir justiça.

Esta decisão, que só pode ter vindo da parte dos elementos mais

progressistas do MFA, veio jogar fortemente contra a direita governamental.

A crise resolveu-se portanto fazendo um avanço em relação ao 25 de Abril e permitindo assim aos trabalhadores um melhor aproveitamento das condições para se organizarem e para lutarem.

As barragens populares e a grande manifestação antifascista do dia 28 vieram mostrar que a população trabalhadora está disposta a enfrentar o fascismo onde ele aparece. Por outro lado o comportamento de movimentos e partidos, mereceu-nos uma análise. Aí se distinguiram os que estão dispostos a estar ao lado dos trabalhadores e a arriscar na rua um enfrentamento com o fascismo e a surpresa dos acontecimentos, e os que, mesmo neste momento de crise, entram no jogo do prestígio, do futuro poder (os arranjos governamentais) e das futuras eleições.

A burguesia continua no poder. A estrutura económica e social mantém-se. Mas a crise veio agravar as contradições ao nível do poder, eliminando a extrema-direita, o que, de imediato, dá mais possibilidades aos trabalhadores e organizações revolucionárias.

Por outro lado tornaram-se claras as contradições ao nível do MFA, onde as posições são diversas e contraditórias. Mais uma vez

notamos que a atitude de lisonja de algumas organizações políticas em relação ao MFA não passa duma posição acrílica, que redunde em puro oportunismo, que mais não faz do que alimentar as posições de classe (burguesa) do MFA. Bem melhor será distinguir o trigo do joio dentro deste movimento, não confundindo interesses de classe, nem confundindo tática com oportunismo. Nós dizemos, como os trabalhadores da Lisnave: «estamos com as Forças Armadas, sempre que estas estejam com as classes oprimidas e exploradas contra as classes opressoras e exploradoras». Quando assim não for, não estamos.

Dizíamos nós no nosso manifesto de 11 de Maio: «Bastante diferente é o Movimento das Forças Armadas, isto porque não é politicamente homogêneo devido à posição de classe dos capitães o que cria contradições no seu seio, deixando prever que a luta de massas poderá vir a provocar decisões entre eles, com tomadas de posições progressistas por parte de alguns». E continuamos a dizer.

Há também que considerar com mais vigilância do que nunca que agora começa um período em que a todo o momento há perigo dum golpe fascista. Pois que a burguesia fascista, dada a instabilidade da situação (e dado que através

deste balão de ensaio, já percebeu que não lhe chega estes métodos) tentará tomar medidas mais drásticas e eficazes.

Hoje mais do que nunca é necessário aos trabalhadores e aos revolucionários ganhar tempo. A organização autónoma dos trabalhadores, independente de tutelas de partidos, criada na luta, e embrião de futuro poder, deve ser reforçada, aprofundada, apetrechada.

Mas não chega. É necessária a organização partidária, vanguarda de conjugação entre a teoria e a prática, núcleo de resistência, aparelho capaz de analisar a situação global e de avançar alternativas táticas e estratégicas.



**volte**



# OS TRABALHADORES SAIRAM A RUA 28-9-74

## GRANDE MANIFESTAÇÃO

Realizou-se em Lisboa no dia 28 uma grande manifestação antifascista, em oposição à manifestação da «maioria silenciosa».

Perante a eminência da manifestação fascista, que estava incluída numa série de actos da reacção tendentes a restaurar um regime de extrema-direita, comissões de trabalhadores e organizações revolucionárias resolveram levar a cabo uma contra-manifestação. Esta resolução, que decorreu em reuniões dos dias 26 e 27, tinha como objectivo o afrontamento e o desmantelamento da manifestação fascista, no caso de esta se realizar. Foi portanto por iniciativa simultânea das comissões de trabalhadores e de organizações revolucionárias que se realizou esta manifestação.

As organizações que a convocaram e participaram na sua realização foram as CBS, os CICs, a LCI, a «Verdade», a URML e o PRP/BR.

Os revolucionários entenderam que não deviam deixar que a extrema-direita estivesse à solta na rua, ganhando força e terreno. Foi para enfrentar o inimigo fascista que esta manifestação foi convocada e organizada.

Os acontecimentos da madrugada de 28 vieram transformar a projectada contra-manifestação numa grande jornada antifascista, enquanto o fascismo perdia esta batalha.

As comissões de trabalhadores, ligadas a várias empresas — TAP, Lisnave, CTT, Efacec, etc. — convocaram os manifestantes para as 14 horas no Terreiro do Paço, onde se concentraram. As pessoas convocadas pelas organizações concentraram-se no Largo de Alcântara às 15 horas; daqui partiram para o Terreiro do Paço, passando por Santos e pela Rua do Arsenal. Quando esta parte da manifestação chegou ao Terreiro do Paço, os trabalhadores puseram-se à frente da organização, segundo o plano previamente distribuído, conjugando os seus serviços de ordem com os serviços de ordem das organizações presentes. A partir daí a manifestação foi feita sem bandeiras, dado o carácter unitário com que decorria.

A ela se foi juntando a população que estava nas ruas, num sentimento profundamente antifascista.

Saindo do Terreiro do Paço o desfile percorreu a Rua da Prata, Praça da Figueira, Restauradores, Avenida da Liberdade, Marquês de Pombal, Joaquim António de Aguiar, Penitenciária, Rua Sampaio Pina, Rua Castilho, Rua Alexandre Herculano, Largo do Rato, Rua de S. Bento, S. Bento, onde chegou às 20.30 horas.

Ao passar pela Casa de Moçambique, a manifestação gritou para camaradas presentes nas janelas: FRELIMO, FRELIMO!

Diante da Penitenciária, a multidão, que devia atingir então cerca de 40 000 pessoas, estendeu-se num largo espaço, que ocupava toda a Rua Castilho e gritou: «MORTE À PIDE! MORTE À PIDE!»

Junto das instalações do Rádio Clube Português os manifestantes pararam de novo, estendendo-se dum lado até à Rua Castilho e do outro ocupando parte da Rua de Artilharia 1. Aí os trabalhadores do R.C.P. vieram à janela do edifício, então ocupado pela GNR, levantaram o punho para a multidão e todos gritavam: ABAIXO O FASCISMO, ABAIXO O FASCISMO!

Ao longo da manifestação, as palavras de ordem foram, além das citadas, as seguintes: «ABAIXO O CAPITALISMO, ABAIXO O FASCISMO!», «GOVERNO POPULAR SIM, GOVERNO DOS PATRÕES NÃO», «MORTE À PIDE, JUSTIÇA POPULAR», «GREVE SIM; LOCK OUT NÃO», «CLASSE OPERÁRIA VENCERÁ».

A dada altura do percurso surgiu uma manifestação de algumas centenas de pessoas, com a bandeira do MRPP, que pretenderam incorporar-se. O serviço de ordem pôs então a condição de que as bandeiras dessa organização fossem retiradas, tal como acontecera com as outras. Como os organizadores dessa segunda manifestação não estiveram de acordo, foram impedidos de se incorporar.

Em S. Bento, diante do Palácio, tomaram a palavra alguns trabalhadores de empresas em luta e ouviu-se o slogan: «CTT VENCERÃO».

Com esta manifestação os trabalhadores em luta e os revolucionários mostraram que são capazes de vir para a rua enfrentar o inimigo. Além do mais era claro aos olhos de toda a gente que os manifestantes se faziam acompanhar de matracas, esperando o que desse e viesse, num gesto de iniciativa que se enquadra na violência revolucionária. Mostraram ainda que não são «grupelhos», nem «minorias», nem «aventureiros», como alguns dizem, mas são sim, pelos menos, umas dezenas de milhar.

Mostraram que eram capazes de vir para a rua enfrentar os fascistas, quando o momento era de surpresa, ninguém sabendo o que se ia passar, traçando assim uma linha clara entre os que procederam assim e os que não procederam, o que está de acordo com o ter ou não fidelidade à classe operária.

# FASCISTAS PRESOS ATE AO MOMENTO

### CIVIS

Silva Cunha  
 Artur Agostinho  
 J. C. Botelho Moniz  
 Dr. Braz Monteiro  
 Conde de Pavulo (Zoio)  
 Dr. César Moreira Baptista  
 Manuel Múrias  
 Bernardo Mendes de Almeida (Conde de Caria)  
 Dr. Franco Nogueira  
 Diogo Maldonado Passanha  
 Walter Cândido Ventura  
 Fernando Maria José Araújo Bobone  
 Luis Manuel Caldeira Castelo Branco Cordovil  
 J. M. do Casal-Ribeiro Tavares  
 Hélio Grevy Pereira  
 Carlos Isidoro Miranda Pessoa  
 Orlando da Silva Canavarro de Almeida  
 Bernardino da Silva Santos  
 Nuno José Serra Alves Caetano  
 António Júlio Pereira Sebes Oliveira Alves Martins  
 Diocleciano Ferreira Silva Pinto  
 José Miguel Granadeiro Carvalho Cerqueira  
 Florentino Goulart Nogueira  
 José Manuel Marques dos Santos Costa  
 Luis Filipe Moura de Oliveira  
 Carlos Alberto de Moura Figueiredo  
 Reginaldo Benvindo de Paiva Frazoa  
 Dr. Rogério Figueirôa Rego  
 José Horácio de Sousa

### MILITARES

Maria Júlia Loureiro Rebelo (Jardim)  
 Eng.º José Joaquim Arantes Pedroso dos Santos  
 Henrique Manuel Nogueira Nunes  
 Bernardino da Silva Santos  
 Carlos Alberto dos Santos Neves  
 Rui Marques de Mendonça  
 Abel Simões Virgílio  
 Dr. Daniel Valêdo Ferreira  
 Domingos Moreira  
 J. Augusto  
 Telmo Rui Vaz da Fonseca  
 Fernando Elias de Sousa  
 João do Carmo Correia Botelho  
 António Geraldes  
 Pechirra  
 José Luis Assis Posser de Andrade  
 Manuel Joaquim Gil Boto  
 Elmano Alves  
 José F. non Correia  
 Alvaro José Castelo Branco Pimenta da Gama  
 Fernando João Andressen Guimarães  
 Fernando de Pina Ferreira Isasca  
 Raul dos Santos Fernandes  
 Alcides Silva Albino Pereira  
 Alvaro de Leite Antas  
 Artur Mário Galego Alvarez  
 Margarida Maria Mendes de Aragão Teixeira  
 João Pedro Mendes de Aragão Teixeira  
 António Pereira Santana  
 Jorge Geremias da Silva

Comodoro Alvaro Valente Araújo  
 General Kaulza de Arriaga  
 General Pereira de Castro  
 General Barbieri Cardoso  
 Brigadeiro Remigio  
 Coronel Ireneo Mota  
 Coronel Joaquim Dores  
 Major Bordado  
 Major Adão Graça  
 Capitão Alpalhão  
 Alferes-miliciano João Pedro da Fonseca  
 Furiel-miliciano Bettencourt Correia e Avila  
 Soldado Recrutado C.S.M. 116446 Pedro José Mendes de Aragão Teixeira  
 Major Ernesto Augusto Antunes  
 Coronel Abilio Ferro  
 Coronel José Luís Almeida Azevedo  
 Capitão António Manuel Campos